

## **O Movimento Feminista como Mídia Radical Através do Movimento Marcha Mundial das Mulheres <sup>1</sup>**

Camila LIMA<sup>2</sup>

Larissa ANDRADE<sup>3</sup>

Lays TEIXEIRA<sup>4</sup>

Luciana COSTA<sup>5</sup>

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **Resumo**

As manifestações de diversos movimentos sociais têm se tornado cada vez mais frequentes na sociedade. O feminismo é um deles que, assim como tantos outros, utiliza a mídia radical a favor da luta por suas ideologias. Com isso, os ativistas responsáveis por esses movimentos conseguem difundir de maneira grandiosa o seu apelo contra o poder hegemônico. O presente artigo irá analisar o papel da mídia radical através da Marcha Mundial das Mulheres, um movimento feminista de credibilidade internacional que possui papel ativo na campanha a favor dos direitos das mulheres.

**Palavras-chave:** Marcha Mundial das Mulheres, Movimento Feminista, mídia radical, ativismo.

### **Introdução**

Os movimentos sociais estão em ebulição no mundo. Em suma, o conceito de movimento social faz referência à ação conjunta de um grupo organizado que possui o objetivo de conseguir mudanças sociais por meio da luta política, de acordo com suas ideologias dentro de uma sociedade e contexto específicos em que se encontram tensões sociais. Os movimentos sociais focam na mudança, transição ou mesmo na revolução de uma realidade hostil a determinado grupo ou classe social.

Segundo Gianfranco Pasquino (2004), os movimentos sociais constituem tentativas – reguladas em valores comuns àqueles que fazem parte do grupo – de determinar formas de ação social para se alcançar determinados resultados. A existência desses movimentos é de extrema importância para a sociedade civil como forma de manifestação e reivindicação.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social da UFPA com Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: camila\_mslima@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social da UFPA com Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: larissaandrade@ymail.com

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social da UFPA com Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: layskelly1@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPA, e-mail: lmirandaeua@hotmail.com.

O Feminismo é um grande exemplo de movimento social, filósofo e político que tem como objetivo a conquista da igualdade de direitos entre homens e mulheres, ou seja, garantir a participação feminina na sociedade de forma equivalente à masculina.

De acordo com o Portal Brasil, disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/feminismo-pela-igualdade-dos-direitos>, a história do movimento feminista pode ser dividida em três grandes momentos. O primeiro, no final do século XIX e início do XX, teve origem pelas reivindicações por direitos democráticos como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho. O segundo momento, nas décadas de 1960 e 1970, foi marcado pela liberação sexual, motivada pelo aumento dos contraceptivos. Por fim, o terceiro surgiu, no final da década de 70, em prol da luta de caráter sindical.

Muitos desses movimentos, como o próprio Feminismo, se utilizam da mídia radical para lutar contra o poder hegemônico a fim de conseguirem transformar a sociedade atual com suas ideologias, já que a mídia tradicional propaga apenas as ideias da hegemonia. Segundo VIZER (2007),

O meio radical é o que se planta mais abertamente em função da crítica do *status quo*, na denúncia dos dispositivos de poder e das condições de criação de injustiças. Auto-referencia-se como sujeito crítico defensor do cidadão, defensor dos valores “universais” da época, dos bens e valores coletivos. (VIZER, 2007, p. 33)

A crítica, por parte dos movimentos, aos modelos de comunicação vigentes, ocorre, conforme VIZER, pois,

A organização procura expandir suas ideias e objetivos, conseguir legitimidade e reconhecimento público. O meio tradicional procura mantê-los. O meio radical não procura nem um nem outro: não tenta convencer, mas fazer pública sua “denúncia”, intervir no espaço público com sua verdade. (VIZER, 2007, p. 34)

A internet se transformou em um ótimo meio radical, de acordo com Downing (2002), devido à sua interatividade na comunicação, rompendo com o fluxo unilateral que é próprio da mídia comercial. Com isso, os articuladores dos movimentos sociais ganharam a oportunidade de expor suas lutas e contestações diretamente com o público. Os ativistas ganharam voz para divulgarem suas causas e, assim, ganharem novos adeptos. Manuel Castells (2013) afirma que as redes sociais da internet são espaços de autonomia, muito além de governos e empresas. De acordo com VIZER,

O meio radical “representa” os valores públicos, a cidadania, os princípios coletivos. É a “voz dos profetas” denunciando a mentira, o engano, os poderes – ocultos ou declarados “a voz da verdade e a ética insubordinável”. É muito comum

uma voz no deserto, que, no entanto, cresce e legitima-se, chegando à Internet e aos meios de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). (VIZER, 2007, p. 34)

O movimento feminista tem se expressado de maneira mais contundente, no mundo atual, através da organização da Marcha Mundial das Mulheres que será analisada durante todo esse artigo.

### **Objetivo**

Explicar o Movimento da Marcha Mundial das Mulheres como uma Mídia Radical Alternativa, de contestação a valores hegemônicos sociais.

### **Justificativa**

A ebulição dos Movimentos Sociais na atualidade motivou a entender como eles podem ser radicais alternativos e a Marcha Mundial das Mulheres têm desempenhado ativamente esse papel na luta pelos direitos da mulher.

### **Metodologia**

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica de teóricos que trabalham a linha de pesquisa das Mídias Radicais Alternativas e Movimentos Sociais para o embasamento deste artigo. Após, foi feita uma coleta de materiais da Marcha Mundial das Mulheres disponíveis na internet para contextualizar o Movimento. Em seguida, foi entrevistada a ativista da MMM/PA, Brisa Libardi, a qual discorreu sobre o posicionamento do Movimento na região local, no Brasil e no mundo.

### **A Marcha Mundial Das Mulheres**

A Marcha Mundial das Mulheres (MMM) é um movimento feminista e anti-capitalista internacional. Com início no ano 2000, seu objetivo é realizar uma campanha mundial contra a pobreza e a violência sofrida pelas mulheres. De acordo com informações obtidas no site oficial da MMM (disponível em: <http://marchamulheres.wordpress.com>), a mobilização que reuniu mulheres do mundo inteiro teve início no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, e terminou em 17 de novembro, tendo como base o chamado “2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista”.

O movimento teve como inspiração uma manifestação realizada em junho de 1995 com cerca de 850 mulheres que marcharam 200 quilômetros entre Quebec e Montreal, no Canadá, pedindo, simbolicamente, “Pão e Rosas”. Elas marchavam contra a pobreza e conquistaram o aumento do salário mínimo, em um momento em que a economia era de preços estáveis e pressionada pelo mercado comum nos Estados Unidos. Além disso, com a manifestação conseguiram mais direitos para as mulheres imigrantes e apoio à economia solidária, forma de distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano, não do capital. A ação marcou o retorno da mobilização feminina nas ruas, fazendo uma forte crítica ao sistema capitalista de maneira geral, em especial ao neoliberalismo, definindo-o como o modelo mais cruel para as mulheres,

pois combina a dominação capitalista com a opressão patriarcal, impondo para a maioria um cotidiano marcado pela violência. A violência contra as mulheres está no centro das estratégias machistas e de guerra, como uma ferramenta de controle, para tentar nos calar e para romper a solidariedade entre os povos ou dentro de uma mesma comunidade. (Panfleto da Marcha Mundial das Mulheres, Janeiro de 2008. Disponível em [http://www.cnmcut.org.br/sgc\\_data/conteudo/1122116871.pdf](http://www.cnmcut.org.br/sgc_data/conteudo/1122116871.pdf))

Uma das propostas da MMM é organizar as mulheres rurais e urbanas a partir da base e se aliar com movimentos sociais, na defesa das mulheres como sujeitos ativos na luta pela transformação de suas vidas e, para que isso aconteça, é necessário superar o sistema capitalista patriarcal, racista, homofóbico e destruidor do meio ambiente. De acordo com o site oficial da MMM, “a Marcha busca contruir uma perspectiva feminista afirmando o direito à autodeterminação das mulheres e a igualdade como base da nova sociedade que lutamos para construir” (disponível em <http://marchamulheres.wordpress.com>).

Em 2000, mais de cinco mil grupos de 159 países e territórios aderiram à Marcha Mundial das Mulheres, em seguida, foi entregue à Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, um documento com 17 pontos de reivindicação, apoiado por cinco milhões de assinaturas. Com isso, teve fim a movimentação de 2000 e, oficialmente, foi dado o primeiro grande passo para o fortalecimento dessa rede de movimentos feministas internacionais implicados na Marcha Mundial das Mulheres.

Depois de 2000, a MMM realizou mais duas ações nos anos de 2005 e 2010. Em 2005, a segunda ação mundial levou novamente milhares de mulheres às ruas. Realizada de 8 de março a 17 de outubro, nessa manifestação, a Marcha construiu a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, na qual expressou as alternativas para as áreas econômicas, sociais e culturais para a construção de um mundo fundado nos princípios da igualdade,

liberdade, justiça, paz e solidariedade entre os povos e seres humanos em geral, de modo que respeite o meio ambiente e a biodiversidade. Também nessa ocasião, foi construída uma grande “Colcha Mosaico Mundial de Solidariedade”, a partir de um retalho de cada país, como forma simbólica de representar a Carta.

Em 2010, foi realizada a terceira ação internacional da MMM que teve como lema “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”, com a mobilização de milhares de mulheres que realizaram ações e marchas em todos os continentes. As ações foram concretizadas em dois momentos. O primeiro ocorreu de 8 a 18 de março com marchas em comemoração ao centenário do Dia Internacional das Mulheres e o segundo momento ocorreu de 7 a 17 de outubro com ponto de encontro em Kivu do Sul, na República Democrática do Congo, com foco na solução para conflitos armados, em busca da paz. No Brasil, cerca de três mil mulheres caminharam durante os dez dias das manifestações realizadas em março percorrendo 120 km, entre Campinas e São Paulo, em demonstração da força da autoorganização das mulheres.

A Marcha Mundial das Mulheres se fortaleceu no Brasil no 1º Fórum Social Mundial, ocasião em que foi criada a “Carta das Mulheres Brasileiras” que exige terra, trabalho, direitos sociais, autodeterminação das mulheres e soberania do país. A MMM também se faz presente no Brasil através do apoio à Marcha das Margaridas, voltada à luta da mulher no campo, e da Marcha das Vadias, que protesta contra a crença de que as mulheres são vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento. Ao contrário da primeira, a Marcha das Vadias não surgiu no Brasil, mas tomou uma proporção muito forte no país, levando várias mulheres em protesto às ruas de diversas cidades brasileiras.

### **A MMM como Mídia Radical Alternativa**

Com muitos anos de história, o movimento feminista vem de muitos embates, perdas e ganhos, e vem incorporando a luta pela conquista da autonomia da mulher na sociedade. A Marcha Mundial das Mulheres é um exemplo de organização bem fundamentada sobre seus objetivos, que não visam somente alcançar os direitos iguais entre gêneros, mas também a luta contra as desigualdades de qualquer espécie. Segundo Faria (2005), na América Latina e no Caribe a Marcha se tornou

uma alternativa ao processo de institucionalização e de perda de radicalidade, retomando a idéia de auto-organização das mulheres, de mobilização, de fazer a luta feminista vinculada à luta anticapitalista, recolocando as questões de gênero e de

classe como co-extensivos, e a necessidade de transformação global do modelo, sem abandonar outras questões como raça/etnia, juventude etc. (FARIA, 2005, p. 34)

A própria conduta das mulheres feministas desde a década de 1960 já era contra-hegemônica. A escolha do vestuário feminino era uma forma de reivindicar direito sobre o próprio corpo. Como também afirma Downing,

Geralmente, o modo de trajar de uma pessoa comunica sua riqueza, seu *status* oficial, seu sexo, sua inclinação sexual, de que lado do campo da batalha ela está, às vezes seu gosto pelo estilo de vanguarda – mas o vestuário pode ser também contra-hegemônico. (DOWNING, 2002, p. 177).

Esse exemplo ainda é bastante enfatizado pela Marcha das Vadias, que tem uma das características usar vestimentas indiscretas e/ou irreverentes, na qual seriam classificadas como “vadias”, justamente para criar impacto em torno do propósito da manifestação: denunciar a violência machista.

A Marcha Mundial das Mulheres se diferencia de outros movimentos não somente por sua dimensão, mas por estar realmente comprometida com a causa. Utiliza em larga escala a cor roxa, que simboliza o feminismo. Uma das suas principais formas de expressão se dá por meio de cartazes. Por muitas vezes na história, o cartaz – bem como outras mídias, como xilogravuras, volantes, entre outros – foi empregado principalmente pelo poder hegemônico e/ou do capital. Contudo, Downing aponta que

o uso dessas técnicas e gêneros artísticos com a finalidade de protesto, e especialmente com o objetivo de caricatura e sátira, desempenhou um papel rico e fascinante na história dos movimentos sociais. (...) conferiram a vitalidade da imaginação às esferas públicas alternativas, tornaram essas esferas empolgantes e também informativas e deram asas à conversa pública (DOWNING, 2002, p. 217).

FIGURA 1



Cartaz “A cada 15 segundos uma mulher é violentada no Brasil”.

Disponível em <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/11/guest-post-violencia-obstetrica-voz-das.html>. Acesso em 02 de Dezembro de 2013.

A esfera pública alternativa é manifestada pela MMM também pela “Operação Lambe-Lambe”, no qual as ativistas são orientadas a criarem mensagens “radicais, curtas, diretas, irônicas, raivosas, poéticas” e montarem cartazes que possibilitem uma leitura rápida. A operação de colagem acontece de duas formas. A primeira é fixando os cartazes durante a madrugada, para causar impacto/surpresa no dia seguinte. A segunda é colando-os de dia, permitindo interação com as pessoas (FIGURA 2).

FIGURA 2



Cartaz “Eu aborto, tu abortas, somos todas clandestinas” sendo fixado.

Disponível em <http://marchamulheres.wordpress.com/operacao-lambe-lambe/>. Acesso em 02 de Dezembro de 2013.

A Marcha Mundial das Mulheres é conhecida por fazer o nomeado “escracho”, que segundo Libardi (2013) foi pioneira nesse tipo de manifestação. O escracho consiste em pichações, pregação de cartazes, batucadas e gritos, é um tipo de “baderna” com o objetivo de chamar atenção e conseguir mudanças. Libardi (2013) ainda cita o episódio da Banda *New Hit* na Bahia, em setembro de 2012, no qual duas jovens denunciaram que foram



violentadas por integrantes da banda. As participantes da Marcha fizeram o escracho na frente do Fórum e na casa dos agressores, que hoje, estão presos.

Martín-Barbero (2003) defende uma ampliação dos estudos da comunicação entre os atores da sociedade civil – a mediação. Segundo o autor, historicamente as pesquisas em comunicação têm se voltado para o estudo da mídia, sobretudo da mídia hegemônica e, por vezes, ignoram-se as relações dos indivíduos em seu contexto cultural, político e econômico. A configuração das ações da Marcha remete a como as mídias utilizadas para difundir o movimento atuam para torná-lo mais forte e vigente. Então, a Marcha pode ser considerada como uma mídia radical, pois representa uma expressão autêntica das visões de um grupo que tem forte potencial de oposição aos poderes hegemônicos. O movimento atua como “cultura de oposição”, Downing (2002), que recorre e contribui para a cultura popular e a cultura de massa, que são realmente abrangentes.

Primeiramente, as participantes da Marcha Mundial das Mulheres faziam e ainda fazem parte da audiência (Downing, 2002), pois não somente recebem o conteúdo que lhes era emitido, como agora, geram conteúdo para uma nova audiência. Na maioria dos casos, o movimento tem que lutar contra a ditadura não – somente – imposta pelo Governo, mas pela mídia tradicional que, na ordem capitalista, tenta manipular o público visando somente o lucro.

As mulheres que protagonizam causas femininas e que comparecem na cena pública para reivindicar sobre questões que lhes dizem respeito e para colocar em pauta a necessária discussão de gênero possibilitaram muitos avanços nesse sentido. Um grande avanço é, sem dúvida, a construção e afirmação do próprio conceito de gênero. Em 2006, no Brasil, houve um grande marco como conquista feminista: a Lei Maria da Penha. Até então, violência doméstica parecia algo natural e aceitável para muitos brasileiros, mas não para as mulheres que lutavam para defender que violência não era apenas aquela que deixava marcas visíveis, mas era aquilo que machucava e tornava submissa a mulher dentro de seu ciclo familiar.

Os movimentos feministas, a qual a MMM faz parte desde 2000, exerceram papel fundamental em conquistas históricas. No âmbito nacional, ocorreu o reconhecimento de igualdade entre homens e mulheres em que se tornou obrigatório a partir da constituição de 1988 e mais atualmente a Lei Maria da Penha. Já internacionalmente, a implantação do dia internacional da mulher foi conquistada para rememorar a importância do movimento feminista, além de colocar na agenda pública a necessária atenção às políticas de gênero.



Com o advento da Internet, a Marcha consegue atingir uma máxima de público muito maior do que os movimentos no passado. Apesar de que nem todos os integrantes ou simpatizantes do movimento participem ativamente, o intuito da divulgação de informações é que as pessoas tenham o conhecimento sobre os assuntos discutidos pelo movimento e que tenham consciência dos assuntos tratados. A mídia radical tem um método de produção diferente, principalmente se tratando de fluxo de texto e imagens. De acordo com Villarreal e Gil,

O uso da Internet tem também um impacto interessante sobre o ativismo social e de mídia. (...) Através das redes eletrônicas, os articuladores dos movimentos sociais têm a oportunidade de expressar-se por meio de documentos divulgados pela Internet. Isso suscita a questão de “se podemos trocar a estratégia de dar voz aos que não têm voz pela estratégia de deixar as pessoas falar por si mesmas”. (VILLARREAL e GIL, 2002, p. 275)

O “Buteco das mina” é uma reunião promovida pela Marcha Mundial das Mulheres na qual as mulheres conversam sobre os diversos fatos ocorridos durante a semana e sobre pautas feministas. O encontro é transmitido via internet pela *twittcam* (transmissão de vídeo pelo *Twitter*) e as internautas podem interagir enviando perguntas e debatendo os assuntos.

Na Internet, os canais tem autonomia para postarem os mais variados conteúdos e tendem a colocar os receptores em outro patamar. Segundo Baudrillard (1991), o crescimento desmedido da proliferação de signos produzidos pelos meios de comunicação acarretaria em um excesso de informação que se traduz em uma crescente escassez de sentido. Temos uma diversidade de estímulos e informações a que estaríamos submersos no cotidiano, essa questão se tornou ainda mais acirrada com o surgimento da Internet. O excesso de informação a que somos oferecidos pode estar fazendo com que a busca das mídias alternativas por “quebrar o silêncio” se transforme em uma tentativa de angariar a atenção das pessoas no meio desse caldeirão de informações.

No entanto, o ponto forte da Internet é a questão da segmentação de público. Apesar de ter uma diversidade de conteúdo, as pessoas interessadas ainda podem selecionar e buscar o tipo de informação que lhe é interessante. Com isso, a Marcha Mundial das Mulheres se favorece sendo um dos maiores e mais conhecidos movimentos, facilmente encontrável na *web*. Como diz Villarreal e Gil (2002):

Os computadores vieram incrementar, não substituir, outras formas essenciais de organização, desde contatos pessoais a programas de rádio, artigos de jornais *underground*, obras de arte subversivas, música e televisão alternativa. Os

computadores também proporcionaram maior rapidez na disseminação, no intercâmbio e na análise das informações, de um modo que nunca foi possível nos movimentos populares. (VILLARREAL e GIL, 2002, p. 271).

Porém, é mais fácil reconhecer os trabalhos da Marcha pelos seus atos de ruas e suas manifestações fora do ambiente *on-line*. O já citado escracho, as pinturas corporais, cartazes, bottons, faixas e demais produtos são uma forma de reforçar a marca que o movimento possui. É um movimento radical, contra-hegemônico sem fins lucrativos com causas sociais e políticas. Portanto, todas as formas de divulgação ou reafirmação que a MMM possui são de baixo ou nenhum custo, mas que podem causar bastante impactos (pinturas corporais) e atingir diretamente seu público (redes sociais).

FIGURA 3



Foto da passeata do dia 31 de Agosto de 2013 em SP.

Fonte: Site UOL Notícias. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/album/album-do-dia/2013/08/31/imagens-do-dia---31-de-agosto-de-2013.htm#fotoNav=36>. Acesso em 02 de Dezembro de 2013.

Segundo a militante da MMM Pará, Brisa Libardi, “falar da descentralização do movimento hoje em dia já é mais fácil, porque a Marcha já é um movimento consolidado. No caso, é mais fácil das pessoas se aproximarem do movimento. Porque mesmo que não tenha um comitê da Marcha em determinado lugar, as pessoas podem estabelecer contato através da Internet, e é fácil de achar.” E hoje isso pode ser confirmado, pois a Marcha está presente em quase todos os estados do Brasil.

### **O Movimento Feminista na Amazônia**

A luta das mulheres pela conservação ambiental, pelos direitos de terras e violência no campo são causas também apoiadas pelos movimentos sociais femininos na região

amazônica. Lutam, por exemplo, pela REDD (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação). Elas reiteram que

As grandes florestas estão no sul do planeta, bem como outros bens comuns e grande parte da biodiversidade. O capital nacional tenta se apropriar delas de todas as maneiras, expulsando populações originárias inclusive. Resistimos hoje à ocupação das terras aonde vivemos e produzimos ou que estão na mira de grandes empresas mineiras, grandes construtoras ou do agronegócio por meio da expansão dos monocultivos de soja, eucalipto ou cana. (BOLETIM DA MARCHA, Edição de Junho de 2012, pg. 2)

A Marcha Mundial das Mulheres possui comissões estaduais bastante atuantes nos Estados da Região Norte. Podem-se destacar os Estados do Pará e Amazonas, dentre os demais nortistas militantes.

O Comitê Estadual da Marcha Mundial das Mulheres no Pará foi fundado em 2005. Participam do núcleo de Belém cerca de 70 mulheres, entre elas, estudantes, donas de casa, professoras, sindicalistas, pescadoras e produtoras rurais. As militantes paraenses realizam reuniões mensais para planejamentos de ações do grupo e para debater temas relacionados às suas causas de luta, funcionando também como um esclarecimento para as mulheres que possuem dúvidas acerca de temas polêmicos, como a descriminalização do aborto.

No Estado do Amazonas, o Movimento Feminista também participa ativamente nas lutas pelos direitos da mulher, apesar das dificuldades de deslocamento e comunicação decorrentes da geografia do lugar. O transporte em determinados lugares só é possível através de barcos, com viagens que duram até dois dias, além da dificuldade de acesso à internet banda larga em alguns pontos.

Contudo, elas têm alcançado resultados importantes. A Articulação Parintins Cidadã, núcleo da Marcha Mundial das Mulheres, realizou em 2013 junto à Universidade Federal do Amazonas a campanha “Ser mãe: destino ou escolha?” e lutou pelo cumprimento da lei 11.108, a qual garantia o direito de acompanhante à mulher em trabalho de parto (FIGURA 4). A ação resultou na determinação pelo Ministério Público Estadual de cumprimento da lei nos hospitais de Parintins.

FIGURA 4

**AÇÃO PELO BEM-VIVER DAS MULHERES**  
**SER MÃE: DESTINO OU ESCOLHA?**



O Estado machista impõe às mulheres o dever da maternidade com sendo o único caminho para que se realizem como pessoas. Por essa lógica, no Brasil, milhares de mulheres engravidam através de estupro ou por acreditar que seus corpos são propriedades dos maridos ou companheiros. Esta realidade vem vitimando mulheres empobrecidas, adolescentes e analfabetas que, sem qualquer conhecimento sobre si, são utilizadas para o aumento da pobreza, da miséria e da reprodução de mais desigualdade e violência.

Promoção do bem-viver e dever do Estado. No entanto, direitos como saúde, moradia, educação, creche, comida e trabalho dignos têm sendo negligenciados.

O mesmo Estado que criminaliza as mulheres pelo direito de dizer SIM ou NÃO à maternidade, abreva diariamente milhares de crianças, de mulheres, de indígenas, de trabalhadores rurais e urbanos, quando matam oportunidades de viverem dignamente.

**EM COMEMORAÇÃO AO DIA DAS MÃES, ESTAMOS LUTANDO:**

- Pela garantia da Lei Federal 11.108, de 07/04/2004, que permite a toda gestante em processo de parto direito à acompanhante;
- Pela garantia do Planejamento Familiar com acesso a métodos anticoncepcionais (eficientes, seguros, legais, aceitáveis), bem como, a escolha informada dos métodos;
- Pela distribuição gratuita da Pílula do dia Seguinte - LEVONORGESTREL - que evita a gravidez indesejada e, consequentemente, o aborto, medida apoiada pela Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia; enfim,
- Contra a Inquisição, hoje, presente no legislativo, nos tribunais, nos serviços de saúde, nas delegacias que prendem, julgam, punem e condenam as mulheres pela gravidez não planejada.

**POR UMA PARITINNSQUE DEFENDA OS DIREITOS DAS MULHERES!**

ARTICULAÇÃO PARITINNS CIDADÃ MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Panfleto da campanha “Ser mãe: destino ou escolha?”.

Fonte: Site da Marcha Mundial das Mulheres. Disponível em

<http://encontrommm.wordpress.com/2013/06/10/amazonas-em-marcha-militantes-do-estado-promovem-atividades-para-viabilizar-sua-ida-ao-encontro-internacional/>. Acesso em 30 de Novembro de 2013.

As comissões estaduais, em geral, fazem uso de vários recursos para articular o movimento. Utilizam mídias sociais, tais como *Facebook*<sup>6</sup>, *WhatsApp*<sup>7</sup>, *Twitter*<sup>8</sup> e *Blogs*<sup>9</sup>, além de cartazes, panfletos, as marchas de fato e ações para agiar recursos, como o Brechó Feminista, a Feijoada Solidária e a venda de acessórios (adesivos, bottons, entre outros.).

## 6 Considerações

As mulheres que integram a Marcha Mundial das Mulheres costumam “brincar” entre si, segundo LIBARDI, que elas esperam “que o movimento feminista acabe, porque o feminismo só irá acabar quando o machismo deixar de existir”.

Percebe-se que elas tem se posicionado de forma clara quanto aos seus objetivos nesta atual atmosfera de efervescência dos Movimentos Sociais e até mesmo antes das constantes manifestações em 2013. A luta pelos direitos femininos e contra o que consideram atos

<sup>6</sup> O *Facebook* é uma rede social lançada em 2004 e permite aos seus usuários criar seus perfis pessoais e assim interagirem com os demais usuários, com mensagens, fotos, vídeos, música, etc.

<sup>7</sup> O aplicativo *WhatsApp Messenger* possibilita o intercâmbio de mensagens de texto instantâneas em smartphones, incluindo imagens, vídeos e áudio.

<sup>8</sup> O *Twitter* funciona como um microblogging, no qual os usuários podem enviar e receber atualizações contendo até 140 caracteres.

<sup>9</sup> O *Blog* é um site que possibilita atualização rápida de artigos, os chamados posts, além da inserção de fotos e vídeos.

abusivos por parte do sistema capitalista pode ser percebida quando acontecem escândalos que ferem os ideais da MMM.

Usando meios radicais, a Marcha tem alcançado avanços e difundido em larga escala as bases que fundamentam a luta delas. Isso tem fortificado ainda mais o Movimento Feminista e contribui para que a Marcha Mundial das Mulheres seja considerada um dos Movimentos Sociais mais respeitados no mundo e ganhe credibilidade perante a sociedade internacional.

### Referências Bibliográficas

AMAZONAS. Disponível em <http://encontrommm.wordpress.com/2013/06/10/amazonas-em-marcha-militantes-do-estado-promovem-atividades-para-viabilizar-sua-ida-ao-encontro-internacional/>. Acesso em 14 de Novembro de 2013.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB. 2004.

BOLETIM da marcha. **O mundo não é uma mercadoria! As mulheres também não!** Jun. 2012. 4pp. Disponível em <http://www.sof.org.br/categorias/boletim-da-marcha>. Acesso em 30 de Novembro de 2013.

BUTECO das minas. Disponível em <http://marchamulheres.wordpress.com/buteco-das-mina/>. Acesso em 07 de Dezembro de 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2013.

COSTA, Graça. **Série: Entrevistas sobre a Amazônia. Segurança alimentar, protagonismo e autonomia econômica na pauta das mulheres do Baixo Tocantins**. Disponível em [http://www.cedenpa.org.br/IMG/pdf/FASE\\_-\\_Entrevista\\_Graca\\_Costa.pdf](http://www.cedenpa.org.br/IMG/pdf/FASE_-_Entrevista_Graca_Costa.pdf). Acesso em 07 de Dezembro de 2013.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: Rebelia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. São Paulo: Editora SENAC SP. 2002.

FARIA, Nalu (ORG) , POULIN, Richard. **Desafios do Livre Mercado para o Feminismo**. SOF, São Paulo, 2005.

FERREIRA, J.; VIZER, E. **Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

**MARCHA Mundial das Mulheres**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha\\_Mundial\\_das\\_Mulheres](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_Mundial_das_Mulheres). Acesso em: 01 de Dezembro de 2013.

**MARCHA Mundial das Mulheres**. Disponível em: <http://marchamulheres.wordpress.com>. Acesso em: 01 de Dezembro de 2013.

**MMM no Pará.** Disponível em: <http://mulheresemmarcha.blogspot.com.br/p/mmm-no-para.html>. Acesso em: 31 de Outubro de 2013.

**MOVIMENTO Feminista.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/feminismo-pela-igualdade-dos-direitos>. Acesso em: 12 de Dezembro de 2013.

PANFLETO. 26 de Janeiro. **Dia de Mobilização e Ação Global do Fórum Social Mundial.** Jan. 2008. 2pp. Disponível em [http://www.cnmcut.org.br/sgc\\_data/conteudo/1122116871.pdf](http://www.cnmcut.org.br/sgc_data/conteudo/1122116871.pdf)

**NOTA da MMM sobre o julgamento do estupro coletivo praticado por integrantes da banda New Hit. Disponível em** <http://marchamulheres.wordpress.com/2013/09/17/nota-da-marcha-mundial-das-mulheres-da-bahia-sobre-o-julgamento-da-banda-new-hit/>. Acesso em 07 de Dezembro de 2013.

**OPERAÇÃO lambe-lambe.** Disponível em <http://marchamulheres.wordpress.com/operacao-lambe-lambe/>. Acesso em 05 de Dezembro de 2013.

**SOCIEDADE civil é contra o uso de REDD como mecanismo de mercado de carbono.** Disponível em <http://www.fase.org.br/v2/pagina.php?id=3157>. Acesso em 05 de Dezembro de 2013.